

Ocupação Lanceiros Negros de Porto Alegre: A Busca por Visibilidade por Meio das Redes Sociais¹

Caroline de Mendonça MUSSKOPF²
Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA³
Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

RESUMO

Esse trabalho apresenta uma análise de conteúdos publicados na página *Ocupação Lanceiros Negros RS* no *Facebook*, criada por integrantes do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB). A pesquisa se baseia no conceito de comunicação alternativa (ATTON, 2001; PERUZZO, 2006; GIMÉNEZ, 1979) e discute a sua necessidade para a afirmação de direitos constitucionais e para a criação de um lugar de fala (BRAGA, 2000) para grupos sociais historicamente marginalizados e criminalizados. O trabalho também se baseia nas contribuições de Manuel Castells (1999; 2001; 2013) para fundamentar a reflexão sobre o desenvolvimento das redes de movimentos sociais. Observou-se que a página da Lanceiros Negros foi criada como espaço para divulgação da ocupação, entretanto, os posts mais repercutidos foram aqueles voltados para reivindicações e denúncias.

PALAVRAS-CHAVE: Ocupação Lanceiros Negros; Movimentos sociais; Comunicação alternativa; Redes sociais.

1 INTRODUÇÃO

“o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente”
Michel Foucault (1979, p. 247)

Os movimentos sociais de diversos segmentos vêm utilizando as redes sociais e a internet para construir um espaço colaborativo e dialógico com os apoiadores e simpatizantes das causas, assim como para driblar a ausência, em geral, de um lugar de fala qualificado nos veículos de comunicação de massa do Brasil. É uma possibilidade para a difusão das ideias principais dos movimentos e também uma estratégia para conquistar novas adesões e visibilidade. A comunicação por meio das redes sociais fez com que houvesse um crescimento significativo na circulação de informações sobre movimentos

¹ Trabalho apresentado no II 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante do segundo semestre de Jornalismo na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: caroline.m.musskopf@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora dos cursos de Jornalismo e Produção Audiovisual da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: gabriela.mralmeida@gmail.com.

sociais a que a população tem acesso. Este trabalho se propõe, assim, a analisar o uso das redes sociais pela Ocupação Lanceiros Negros, organizada pelo Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB), que reivindica o direito à moradia, garantido no artigo 6º do capítulo II da Constituição Federal (MARTINS, 2016; BRASIL, 2016).

Como acontece com muitos outros movimentos sociais, é comum que as ocupações sejam marginalizadas e criminalizadas pelos grandes veículos de comunicação e pela população que os vê a partir dessa ótica, como aponta Foscarini (2016). Essa criminalização pode ocorrer abertamente ou simplesmente por não trazer à tona as questões problematizadas pelo movimento, o que faz com que, para o senso comum – no caso analisado aqui – uma ocupação seja apenas a invasão de uma propriedade privada. É nesse sentido que se torna relevante o surgimento de um canal de comunicação próprio da Ocupação Lanceiros Negros - uma página oficial no *Facebook*⁴ - para que seus integrantes possam se posicionar em relação às suas próprias pautas e ter um meio de contato direto com a população.

A comunicação alternativa é o nome dado à soma de uma mídia alternativa - nesse contexto, o *Facebook* - com um movimento social, tendo como característica principal as pautas de assuntos emergentes, nos quais o coletivo tende a ficar em evidência, em detrimento do individual. Além disso, essa vertente da comunicação social possui um grande potencial transformador da opinião pública e, conseqüentemente, da realidade, se apresentando como uma nova opção de visão de mundo e de auto-representação dos movimentos e como uma forma de expressão de grupos historicamente silenciados pela mídia tradicional política e socialmente (ATTON, 2001; PERUZZO, 2006).

O trabalho se propõe, assim, a apresentar uma análise dos conteúdos publicados nesta página, em diálogo com o conceito de comunicação alternativa. Quanto à abordagem, a pesquisa se baseia ora em método quantitativo (com a tabulação de todos os *posts* publicados na página durante um intervalo de três meses, como se detalhará adiante), ora em método qualitativo (quando estes dados tabulados servem à posterior análise dos conteúdos dos *posts*). Esse é um estudo descritivo e dedutivo, pois se desenvolveu para verificar o pressuposto de que a comunicação alternativa proporcionada pelo *Facebook* como canal direto de comunicação é de grande importância para os movimentos sociais; e indutivo, por ter sido norteado por pesquisas e investigações já realizadas anteriormente, por outros autores (HERSCOVITZ, 2008).

⁴Disponível em: <<https://www.facebook.com/LanceirosNegrosRSMLB>> Acesso em: 10 de abril de 2016.

2 OCUPAÇÃO LANCEIROS NEGROS DE PORTO ALEGRE

"Enquanto morar for um privilégio, ocupar é um dever."
Lanceiros Negros em sua página do *Facebook* (2016)

A Ocupação Lanceiros Negros, planejada pelo MLB, se instalou no dia 14 de novembro de 2015 na Rua General Câmara, 352, no centro de Porto Alegre⁵. O prédio de quatro andares abriga trinta e sete famílias, todas com uma média alta de integrantes⁶. A Lanceiros, como integrante do MLB, reivindica políticas públicas que possibilitem o acesso dos moradores das periferias de Porto Alegre aos hospitais, às escolas e a todos os serviços públicos que lhes são garantidos por lei. Se discute, portanto, o direito à moradia, mas também à qualidade de vida, pois, mesmo que os moradores do centro, a depender da renda, não possuam os melhores serviços de saúde, por exemplo, eles conseguem chegar a um hospital com uma rapidez consideravelmente maior que os moradores das periferias.

A constituição histórica das áreas urbanas brasileiras, por diversos motivos, resultou em áreas periféricas marginalizadas, favelas e espaços de segregação racial⁷. Como explica Darcy Ribeiro (1995), a abolição, que deu aos negros o direito de ir e vir, fez com que fossem criados os chamados núcleos africanos que, por sua vez, desdobraram-se no que agora são as favelas. Aliado a este processo, esteve o aumento populacional oriundo de imigrações europeias e do êxodo rural. A população urbana brasileira cresceu em 40,3 milhões de habitantes entre os anos de 1922 e 1960, e este crescimento dos centros urbanos fomentou a mais rígida hierarquia, a desigualdade social e o desemprego. O monopólio de terras rurais e o crescente processo de industrialização foram também elementos importantes para o êxodo rural, para a transformação do espaço urbano e para a consequente miserabilização de alguns grupos sociais.

Ainda segundo Ribeiro (1995, p. 2001), “a ordem social brasileira foi fundada no latifúndio e no direito implícito de ter e manter a terra improdutiva”. A partir dessa visão, observa-se um contexto interessante para a análise da Ocupação Lanceiros Negros como

⁵ A data escolhida para a ocupação marcou os 171 anos do Massacre dos Porongos (1844), combate que se deu durante a Revolução Farroupilha (1835 - 1845), no qual o esquadrão de Lanceiros Negros foi traído pelos farroupilhas, derrotado e morto pelas tropas imperiais. (CAMPOS, 2016).

⁶ A respeito das motivações das famílias da Ocupação Lanceiros Negros, ver: IRION, Adriana. **Famílias ocupam prédio no Centro pedindo habitação**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/11/familias-ocupam-predio-no-centro-pedindo-habitacao-4903121.html>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

⁷ Para saber mais, ver: ROLNIK, Raquel. **Territórios Negros nas Cidades Brasileiras**. Disponível em: <https://raquelrolnik.files.wordpress.com/2013/04/territ3b3rios-negros.pdf>. Acesso em: 10 abril 2016.

parte de um movimento social⁸ que luta contra uma imensa construção histórica socialmente naturalizada e invisível aos olhos de grande parte da mídia tradicional. As questões étnico-raciais são abordadas em ambas situações e, de certa forma, se complementam; afinal, nada pode ser visto fora do seu contexto.

Questiona-se também o direito das famílias mais pobres de viver nos núcleos das cidades brasileiras. O mesmo processo citado anteriormente fez com que as famílias mais pobres fossem retiradas dos centros das cidades, por conta dos altos preços dos imóveis e com a intenção de deixar escondidas as necessidades da população (RIBEIRO, 1995). É possível observar que esta lógica continua vigente, uma vez que os loteamentos populares, como os do programa *Minha Casa, Minha Vida*, são afastados dos centros e dos serviços públicos de qualidade.

Em sua página do *Facebook*, quando o primeiro processo de reintegração de posse começou a tramitar, a Lanceiros Negros fez um *post*⁹ que continha a seguinte frase: “Essa é a resposta do poder público e da justiça para a falta de moradia.” A *hashtag* #PoliciaNAOMoradiaSIM foi utilizada em alguns cartazes de apoio, com os quais as pessoas tiravam fotos na frente da ocupação, remetendo também a esse processo histórico a que se refere Darcy Ribeiro (1995) e à repressão por parte da polícia e do Estado.

Tomando o Facebook e as redes sociais em geral como uma mídia alternativa que permite o posicionamento a partir do “lugar de fala” (BRAGA, 2000) desses grupos sociais tidos como minoritários, tendo em vista as relações de poder presentes na sociedade, cria-se também a oportunidade de divulgação de movimentos e causas sociais. Esse lugar de atuação tem uma lógica específica como meio e veículo de comunicação, por se constituir a partir de uma política de auto-representação. A página “Ocupação Lanceiros Negros RS” se propõe a ser um lugar de fala para os moradores da Ocupação Lanceiros Negros, bem como para todas as pessoas que reivindicam o direito à moradia ou questões étnico-raciais.

⁸ Como movimento social, entende-se, através de Castells (2013) um grupo social organizado em razão de reivindicações ou de uma causa específica em comum, envolvido social e/ou politicamente para alcançar mudanças e/ou analisar as causas de determinados problemas da sociedade.

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/LanceirosNegrosRSMLB/photos/a.1494112057551562.1073741827.1493986124230822/1497323670563734/?type=3&theater>> Acesso em: 2 fev. 2016.

3 A INTERNET POSSIBILITANDO O DIREITO À COMUNICAÇÃO

"Poder para o povo, pra construir um mundo novo!"
Lanceiros Negros em sua página do *Facebook* (2016)

A comunicação é também um direito humano fundamental e um importante pilar de qualquer sociedade democrática, garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2016). Na prática, isso significa que “garantir a liberdade de expressão” para a sociedade não é o suficiente. Martins (2016) afirma que “o direito humano à comunicação significa que todas as pessoas devem poder e ter condições para se expressar livremente, ser produtoras de informação, fazer circular essas manifestações, sejam elas opiniões ou produções culturais”. Com a ampla difusão da internet, esse direito se tornou mais acessível para a população mas, em especial, para os movimentos sociais, que geralmente não se sentem representados pela mídia tradicional, pois muitas vezes são criminalizados por esta.

Os veículos de comunicação e as mídias em geral são parte de um importante elemento democrático, entretanto, os grandes veículos e a mídia tradicional não se compõem como um lugar de fala acessível para todos, econômica e ideologicamente¹⁰. A normalização de estereótipos e a estigmatização de situações ou grupos sociais contribuem para essa antagonização entre movimentos sociais e a mídia tradicional (FOSCARINI, 2016). Gans (apud WOLF, 1999, p. 224) acrescenta que:

Normalmente, quem não exerce poder na sociedade, não ocupa cargo representativo ou não tem representatividade econômica não tem voz na notícia, a menos que suas ações produzam efeitos noticiáveis moral ou socialmente negativos. (GANS apud WOLF, 1999, p 224)

No ciberespaço, os movimentos sociais passam a ter a oportunidade de desenvolver uma rede entre si, de modo a se articularem uns com os outros e constituírem uma teia de conhecimentos, práticas e manifestações socioculturais. As ideias opostas de um mesmo movimento podem ser trabalhadas, pois a essência da internet é a diversidade de vertentes de pensamentos e suas veiculações simultâneas (MORAES, 2016; SCHERER-WARREN, 1997).

¹⁰ Para ler a análise sobre as abordagens das notícias da mídia tradicional, no que se refere ao Movimento Sem Terra (MST), no ano de 2010, ver: CRUZ, Fábio Souza da. **Os movimentos sociais e a mídia em tempos de globalização: um estudo das abordagens de jornais brasileiros e espanhóis sobre o MST e os Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12902/8607>> Acesso em: 10 abril 2016.

As redes sociais oferecem uma forma rápida, de grande alcance e baixo ou nenhum custo que permite que os movimentos sociais driblem o monopólio de fala da mídia tradicional e interajam com seus apoiadores de forma pessoal e direta, pela facilidade de operacionalização e alto poder de distribuição. Foi desse modo que muitos movimentos conseguiram se consolidar e ganhar visibilidade, mesmo diante de indivíduos que, inicialmente, não se interessavam por determinadas causas.

A motivação desses perfis de movimentos em redes sociais geralmente não possui fins comerciais e visa tornar possível a divulgação da opinião das chamadas minorias sociais. A potência de falar de si mesmo é bem diferente, em termos de relações de poder, à de ser retratado por um veículo de comunicação que tem a sua linha editorial influenciada diretamente por interesses alheios, sejam eles institucionais, governamentais ou financeiros (CASTELLS, 2013). A página *Ocupação Lanceiros Negros RS*, com três meses de funcionamento, conquistou cerca de 3 mil seguidores, através do sistema de curtidas do *Facebook*.

3.1 MÍDIA ALTERNATIVA

"Ninguém notou. Ninguém morou na dor que era o seu mal.
A dor da gente não sai no jornal."
Chico Buarque - Notícia de Jornal (1975)

Existem alguns critérios para a definição de mídia alternativa: a motivação não-comercial, demonstrando um interesse essencialmente por ideias, não pelo lucro, e o enfoque alternativo, no qual o tema principal das publicações é a responsabilidade social ou a expressão criativa ou, ainda, a combinação de ambas.

Mello (2008) afirma que a meta da mídia alternativa é “expressar os pontos de vista de uma grande variedade de minorias sociais e culturais ou de grupos que antes viviam num gueto de comunicação”. O modelo de mídia alternativa deve fomentar relações horizontais, leitores-escritores, porque o seu principal objetivo é atuar para mudar as desigualdades sociais, econômicas e culturais, nas quais o indivíduo não é reduzido a um objeto midiático e político, mas sim, visto como um ente capaz de buscar realizar-se como ser humano - com o auxílio da comunicação social (ATTON, 2001).

No caso da *Ocupação Lanceiros Negros*, existe também a necessidade do desenvolvimento de ações coletivas deliberadas que visam a transformação de valores e instituições da sociedade, tendo em vista a amplitude de suas reivindicações. Nesse sentido, os movimentos sociais se articulam através da mídia alternativa, como ferramenta

estratégica de articulação e de divulgação própria. Os movimentos se mobilizam através da internet em torno de direitos que consideram fundamentais, uma vez que a plataforma *web* se tornou um importante meio de comunicação e organização social (CASTELLS, 2001).

A internet fornece a base material que permite que os movimentos sociais se engajem na produção de uma nova sociedade, tornando a própria internet um instrumento de transformação, de modo a divulgar e defender seus ideais e denunciar acontecimentos e crimes (CASTELLS, 2001).

Uma vez que o foco desse estudo é a forma com que a Ocupação Lanceiros Negros utiliza a sua página no *Facebook*, observamos mais uma vez que o lugar de fala criminalizatório que as ocupações em geral ocupam na perspectiva da mídia tradicional é um elemento essencial de análise. Nessa perspectiva, Neuhold nos diz que:

[...] a cobertura da imprensa sobre as ocupações, no geral, qualificaram-nas como criminosas, motivadas por interesses político-partidários, associadas a uma crise generalizada pelo país. Já nas sentenças do poder judiciário, ainda que por vezes as reintegrações de posse tenham sido adiadas, quase sempre prevaleceu o direito de propriedade dos donos dos imóveis, à revelia do não-cumprimento da sua função social. (NEUHOLD, 2009, p. 127)

Giménez (1979, p.60) entende que a comunicação alternativa “implica a quebra da lógica de dominação e se dá, não a partir de cima, mas a partir do povo, compartilhando dentro do possível seus próprios códigos”. Nesse sentido, se torna bastante justificável que esse instrumento seja utilizado por um movimento social que reivindica o direito constituinte à moradia e que historicamente luta por uma reforma nas relações socioeconômicas de poder que estão tão fortemente enraizadas no nosso país.

3.2 O LUGAR DE FALA DA LANCEIROS NEGROS

"Pisa ligeiro, quem não pode com as formigas, não atíça o formigueiro!"
Palavras de ordem proferidas em ato público da Lanceiros Negros (2016)

O conceito de “lugar de fala” elaborado por Braga (2000) como aporte metodológico para o estudo de produtos culturais postula que “toda fala (texto, discurso, etc.) necessariamente faz sentido em algum lugar, segundo uma determinada ótica, relacionado a uma inserção específica em uma situação concreta, historicamente dada.” (BRAGA, 2000, p. 162). No mesmo sentido, Castells (2013, p. 11) afirma que “quando o

ambiente comunicacional muda, muda também o contexto do processo de comunicação e, consequentemente, as relações de poder nele inseridas.”

A alternativa de comunicação encontrada pela Ocupação Lanceiros Negros (bem como a ocupação de espaços nas redes sociais por movimentos sociais de forma mais ampla) visa desconstruir a noção de que apenas as mídias tradicionais possuem o direito à fala e a definir o espaço subjetivo ocupado por determinados grupos.

Braga propõe esse conceito como sugestão metodológica através de três elementos de análise: a enunciação (ou fala); a situação (contexto mais imediato); e os discursos socialmente disponíveis (contexto social mais amplo) (LANA, 2010). Começaremos a olhar de trás para frente, em relação à abordagem sugerida por Lana (2010), isto é, falaremos primeiramente sobre o contexto social mais amplo, no que tange à lógica da página *Ocupação Lanceiros Negros RS*, até chegarmos à enunciação das postagens escolhidas para análise.

Não é de hoje a ideia de que a internet se desenvolveu de modo a fomentar a migração da Esfera Pública global para um conjunto de esferas públicas interligadas em redes virtuais (MARTINO, 2014; FORD e GIL, 2004). Nesse contexto, a Esfera Pública se dá como um espaço abstrato de discussões políticas e socioculturais, de livre manifestação de ideias e de formação de opiniões (HABERMAS, 1990). Martino (2014, p. 91) observa também que “a própria noção de ‘publicação’ na internet representa esse ato de “tornar público”. Ainda segundo Martino (2014, p. 86), “a política nas mídias digitais relaciona-se com as diversas manifestações e afirmações de identidade, na disputa pela chance de chamar a atenção de outras pessoas para problemas sociais diversos”. A participação popular, portanto, é uma das possibilidades existentes dentro do processo de midiaticização e dá origem a toda a noção de mídia alternativa. O lugar de fala dos movimentos sociais que, antes, era representativo apenas nas ruas, através de atos públicos, passa a ser mediado e, por isso, potencializado em frequência e alcance.

4 AS PUBLICAÇÕES DA PÁGINA DA LANCEIROS NEGROS¹¹

No mesmo dia em que a ocupação ocorreu (14/11/15), a sua página do *Facebook* foi criada e, considerando essa rapidez no processo de participação na rede social, é possível observar o tom estratégico da ação. O processo se deu de forma inversa aos movimentos sociais que já existiam, citados anteriormente, e que estão cada vez mais migrando para as redes sociais. Ao contrário, a Lanceiros Negros já surgiu imersa nesse contexto. A página da Lanceiros Negros, portanto, começou como estratégia de resistência e visibilidade. Grande parte do material é apresentado em vídeos e em fotografias, sendo essa uma importante característica de vários perfis que possuem uma função estratégica dentro das redes sociais.

Como etapa metodológica da pesquisa, as postagens da página *Lanceiros Negros RS* foram separadas em “resumo do primeiro mês de funcionamento”, “resumo do segundo mês de funcionamento” e “resumo do terceiro mês de funcionamento”¹², nos quais seus conteúdos foram classificados em seis categorias, a partir do teor percebido no processo de análise. São elas: 1) Divulgação da ocupação; 2) Pedido de doações; 3) Divulgação de ato público; 4) Divulgação de atividade cultural; 5) Reinvidicação e denúncia; e 6) Divulgação de outros movimentos sociais. Em seguida, foi escolhida uma publicação de cada mês para dedicar uma análise específica. O critério para a escolha foi a repercussão do *post*, considerando o número de curtidas, somado ao número de compartilhamentos e ao de comentários.

Os gráficos que serão apresentados a seguir foram desenvolvidos com o intuito de apresentar visualmente a proposta estratégica da página da Lanceiros. Percebe-se que, nos três primeiros meses analisados, a quantidade de conteúdos com o intuito de divulgação da ocupação e, indiretamente, do MLB, foi consideravelmente maior que todas as outras categorias de conteúdos, sugerindo fortemente que essa foi a finalidade da criação da página.

¹¹ Por uma limitação de espaço, não foi possível reproduzir no artigo as tabelas com a tabulação de todos os *posts* publicados na página nos três meses que seguiram-se à sua criação. Estes dados, que correspondem aos Apêndices I e II do trabalho, estão disponíveis no *link* a seguir, bem como um quadro que informa a quantidade de compartilhamentos dos *posts* de maior repercussão da página:
<<https://docs.google.com/document/d/1eeSH79egmHsygDUeXxGLczdA6rE90tYcPJz9hbAgOGE/edit?usp=sharing>>

¹² Ver Apêndice I no *link* indicado acima.

Gráfico 1: Primeiro mês da página *Ocupação Lanceiros Negros RS* (nov-dez/2015)

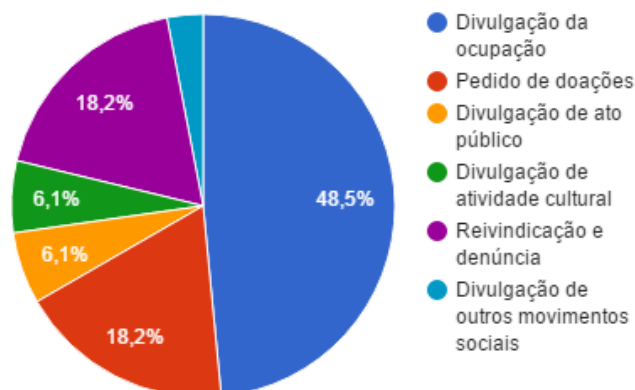


Gráfico 2: Segundo mês da página *Ocupação Lanceiros Negros RS* (dez-jan/2015-2016)

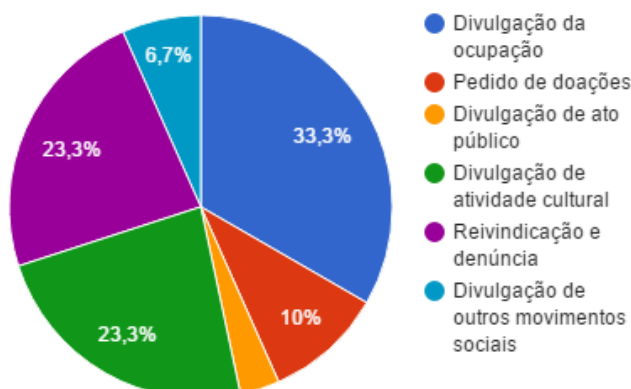
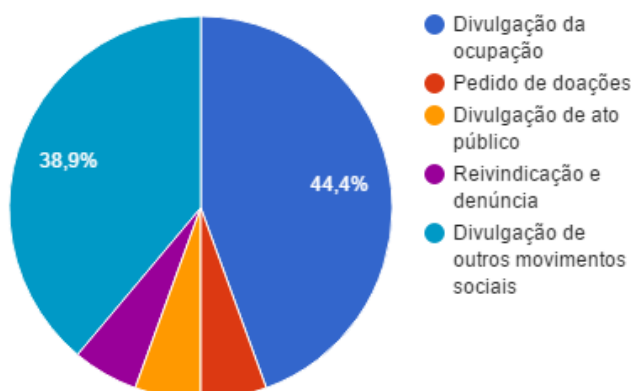


Gráfico 3: Terceiro mês da página *Ocupação Lanceiros Negros RS* (jan-fev/2016)



Fonte de todos os gráficos: OCUPAÇÃO, 2016.

As postagens com teor de pedido de doações, de divulgação de ato público, de divulgação de atividade cultural, de reivindicação e denúncia e de divulgação de outros movimentos culturais variaram de percentual a cada mês, mas estiveram sempre em quantidade menor do que as postagens com teor de divulgação da ocupação.

No primeiro mês de funcionamento da página, a postagem que obteve maior repercussão foi a do dia 10 de dezembro, da categoria “Reivindicação e denúncia”, que falava sobre a ordem de cumprimento imediato da reintegração de posse feita pelo Tribunal de Justiça. A postagem diz: “[...] Nossa capital está literalmente pegando fogo com a criminalidade; [...] e a proposta do governo é colocar a Brigada Militar para espancar trabalhadores simples e honestos. Lutar se tornou, de fato, um dos principais crimes em nosso país [...]”. Ela apresenta, além do elemento de denúncia da reintegração de posse em si, uma crítica muito forte a toda organização da segurança pública na cidade e, por essa abrangência, conseguiu fazer com que um maior número de pessoas se identificasse ou mesmo se solidarizasse com o acontecimento.

No segundo mês, a postagem de destaque foi da categoria “Pedido de doações”, no dia 4 de janeiro: “As crianças da Ocupação Lanceiros Negros precisam de doações de: Pão, Leite e Achocolatado”¹³. O público que será atendido pelas doações está muito bem especificado, e existe ainda o fator de que crianças geram uma comoção maior para quem lê. Esse *post* foi pensado visualmente e a frase ficou escrita na própria imagem, a narração fora dela foi: “Quem puder, traga doações. As crianças da ocupação agradecem”. A cultura da era das conexões globais e da internet toma forma no *Facebook* em parte através do sentimento de pertencimento às mais variadas causas (CASTELLS, 2013; MARTINO, 2014) e, através dessa perspectiva, passa a fazer bastante sentido que os *posts* que pedem doações tenham também um lugar de destaque na página. Os indivíduos que visualizam a postagem, mesmo que não se tornem doadores de fato, ganham a oportunidade de se tornar multiplicadoras do pedido, de modo que este atinja um número muito maior de pessoas.

As publicações com teor de divulgação da ocupação se deram em uma quantidade muito grande, através, na maioria dos posts, de fotografias de pessoas da comunidade segurando cartazes de apoio com hashtags tais como “#ResisteLanceiros” e “#EuApoioLanceirosNegros”. Contudo, foi apenas no terceiro mês de funcionamento da página que a categoria “Divulgação da Ocupação” ganhou maior repercussão, mediante a postagem do dia 05 de fevereiro, que divulgava uma matéria do Jornal Já com a seguinte manchete: “Artistas instalam mosaico na ocupação Lanceiros Negros”. Aqui, existe um elemento de aproximação artístico, cultural e de interesse de grande parte das pessoas que acompanham uma página de um movimento social.

¹³ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/LanceirosNegrosRSMLB/photos/a.1494112057551562.1073741827.1493986124230822/1505567783072656/?type=3&theater>> Acesso em: 3 fev. 2016.

A quantidade de *posts* também não foi decisiva para definir qual categoria de análise obteve um número maior de compartilhamentos¹⁴. A partir da soma dos três meses, a categoria “Reivindicação e denúncia” ficou em uma posição de repercussão consideravelmente superior à de todos os outros grupos. O conceito de comunicação alternativa e o desenvolvimento de um lugar ativo de fala na vida dos moradores da Ocupação Lanceiros Negros são os alicerces para a motivação do público de repercutir em maior quantidade esses *posts*. Afinal, se essa é uma possibilidade de dar voz própria para pessoas que não se sentem devidamente representadas pela mídia tradicional, é natural que o público atingido pelas postagens se sinta no dever de compartilhar, para os seus próprios amigos e para o mundo, quando alguma reivindicação direta é divulgada.

No dia 15 de dezembro, por exemplo, foi publicada uma nota e uma fotografia de um carro do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (BOE): “À 1h da manhã, a viatura do BOE 9363 (Placa IVD 9384) está dando voltas e acionando a sirene e cantando pneu em torno da Ocupação Lanceiros Negros, prejudicando não só a gente mas todos os moradores das imediações.” Essa publicação foi extremamente direta e específica em relação ao fato ocorrido e obteve 166 compartilhamentos, 23 comentários e 411 curtidas.

O conteúdo presente na página indica que a Lanceiros compartilha *links* e faz as postagens em geral com consciência e noção do monopólio que rege a comunicação massiva no Brasil. Durante estes três meses, os jornais *Correria*, *A Verdade* e *Extra Classe* fizeram matérias sobre a ocupação e tiveram seus *links* compartilhados pela página. Em um dos *posts*, inclusive, aparece um vídeo divulgando o jornal *A Verdade*, com os dizeres: “Viva a imprensa popular!”. Já quando o jornal *Zero Hora*, integrante do Grupo RBS, fez uma matéria sobre eles, nenhum conteúdo apareceu na página da Lanceiros Negros.

No que se refere aos apoios a outros movimentos sociais, aparecem na página o apoio a causas feministas, por exemplo, com a divulgação da campanha “Lute como uma mulher” e um compartilhamento da página do Movimento Mulheres Olga Benário, bem como vários conteúdos sobre o Fórum Social Mundial de Porto Alegre. Ressalta-se novamente a coerência dos conteúdos veiculados na página quanto à ideologia, conhecida publicamente, da Lanceiros e do MLB. A divulgação de atividade cultural aparece em forma, por exemplo, de um vídeo de uma roda de Toré feita na ocupação, de fotos de sessões de cinema, *links* de eventos, vídeos das crianças da ocupação fazendo uma

¹⁴ Ver Apêndice II. Dentre as opções de escolha para a análise - curtidas, comentários ou compartilhamentos - a última recebeu destaque pois implica no aparecimento da respectiva postagem no perfil do *Facebook* do indivíduo que o faz. Isso gera, portanto, uma carga de significado maior para ele que uma postagem que ele apenas curtiu ou comentou.

apresentação artística durante o natal e de fotos da primeira aula de inglês ministrada na Lanceiros Negros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a formulação das categorias de análise, percebeu-se a visão estratégica da criação da página *Ocupação Lanceiros Negros RS* voltada para a divulgação da ocupação, das suas pautas e do seu movimento social. Observou-se também que, na prática, a divulgação da ocupação não foi diretamente o elemento de maior repercussão nos três primeiros meses de funcionamento da página.

O *Facebook*, mesmo não sendo uma mídia livre, por se tratar de uma instituição privada e, portanto, suscetível a censuras, foi uma alternativa para a narrativa de si proposta pela Ocupação Lanceiros Negros, no que tange às linhas editoriais movidas por razões econômicas e políticas dos veículos da mídia tradicional. As redes sociais, portanto, possibilitam a produção de conteúdo autônoma dos movimentos e grupos sociais que, fora delas, não teriam um lugar de fala representativo, bem como uma contingência nas relações de poder da comunicação de massa no Brasil.

No caso da Lanceiros, os 273 compartilhamentos na postagem de denúncia sobre a reintegração de posse e os atos públicos incitados através do *Facebook* podem não ter sido suficientes para impedir que um novo mandato judicial fosse emitido, mas, graças à crescente midiática das interações e ao desenvolvimento tecnológico, eles tiveram a oportunidade de se expressar sobre o que estava acontecendo e ter um retorno quase imediato de uma população que dificilmente vê discussões sobre o direito à moradia exibidas no horário nobre.

Esse estudo voltou-se também ao entendimento da necessidade do contexto atual e histórico de todo fato analisado. Se outro tipo de meio de comunicação estivesse sendo analisado, esse *feedback* provavelmente iria significar uma necessidade de reformulação estratégica dos conteúdos, visto que as postagens mais repercutidas não são as mesmas que as disponibilizadas em maior quantidade. Entretanto, a lógica presente em uma página de um movimento social, em tese, é ser uma alternativa de espaço para que determinados grupos sociais reconstruam as suas representações perante a sociedade e desenvolvam um lugar de fala representativo. Através do estudo de caso da página *Ocupação Lanceiros Negros RS*, observou-se a coerência entre a teórica necessidade de mídias alternativas e o

modo com que esta foi pensada e utilizada durante esses três primeiros meses de funcionamento.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Fontes jornalísticas**: o Lugar de Fala do cidadão. In: Portal Intercom. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador, set. 2002.

ATTON, Chris. **Approaching Alternative Media: Theory and Methodology**. Scotland: Napier University, 2001.

BRAGA, José Luiz. "Lugar de Fala" como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. In: **Mídias e processos socioculturais**. Programa de Pós-graduação em Comunicação. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasil: 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> Acesso em: 07 maç. 2016.
BORELLI, Viviane. **O Processo De Mdiatização Do Jornalismo**: Desafios E Perspectivas Da Prática Laboratorial. IV Sipecom: Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação, Estratégias e Identidades Midiáticas, Santa Maria, set. 2012.

CAMPOS, Poti Silveira. **Ocupação Lanceiros Negros completa dois meses e reorganiza espaços**. Disponível em: <<http://jornalja.com.br/28919-2/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____, Manuel. **A Sociedade em Rede - A era da informação**: economia, sociedade e cultura; v. 1, 3a. Editora São Paulo, Paz e Terra, 1999.

_____, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOSCARINI, Léia Tatiana. **O discurso midiático nos meandros da criminalização**: contemporaneidade e movimentos sociais. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/33559-43484-1-PB.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

GIL, Genève; FORD, Tamara, Villarreal. A internet radica. In: DOWNING, John. (org.) **Mídia Radical**: Rebeldia na comunicação e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2004.

GIMÉNEZ, Gilberto. **Notas para uma teoria da comunicação popular**. Cadernos CEAS. Salvador: CEAS, n. 61, p.57-61, maio-jun.1979.

GÓES, Laércio Pedro Torres de. **A mídia alternativa dos movimentos sociais na Web**. Disponível em: <[http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2006_Laércio_A mídia alternativa dos movimentos sociais na Web.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2006_Laercio_A%20m%C3%ADdia%20alternativa%20dos%20movimentos%20sociais%20na%20Web.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2014.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (orgs.) **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LANA, Cecília. **Lugar de Fala, Enquadramento e Valores no Caso Ângela Diniz**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação, São Paulo, v. 4, n. 3, ago. 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS, Helena. **Comunicação também é direito humano fundamental**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/comunicacao-tambem-e-direito-humano-fundamental-7938.html>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

MELO, José Marques de. MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da comunicação. **Logos**: 28, Rio de Janeiro, v. 1, n. 28, p.42-59, jan. 2008.

MORAES, Dênis de. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na internet. Florianópolis: **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 23, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/16072-16073-1-PB.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

OCUPAÇÃO Lanceiros Negros RS. In: Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/LanceirosNegrosRSMLB/?fref=ts>> Acesso em: 21 mar. 2016.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília: set. 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1922.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes e espaços virtuais (para a pesquisa de ações coletivas na era da informação). **Cadernos de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, n. 11, jul. 1997.

VERÓN, Eliseo. Esquema para el análisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación**, n.48, Lima: Felafacs, 1997.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.